



# CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 1000 /17.

AUTOR: Vereador Rafael de Angeli (PSDB)

**DESPACHO:**

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 30 OUT. 2017

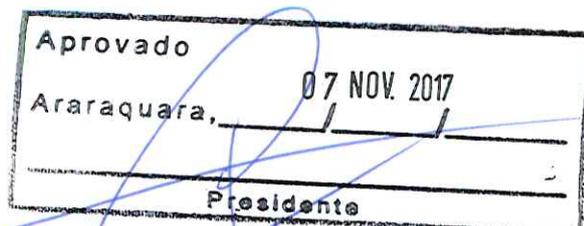
\_\_\_\_\_  
Presidente

Requeiro, nos termos do **Artigo 211-A**, do **Regimento Interno**, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada na revista "*Cidade Araraquara e Região*", em sua edição de 2017/nº21/ano III, matéria publicada da página 16 a 18, sob o Título "*Homens de letras, poetas, ferroviário e revolucionário*".

Dê-se conhecimento desta deliberação à família do homenageado, bem como ao responsável pela revista.

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 26 de outubro, de 2017.

  
Rafael de Angeli  
Vereador



## Ele fez a história



Escritório da EFA, 1953. Abertura de envelopes



# Homem de letras, poeta, ferroviário e revolucionário

Se um homem deve honrar sua existência, sua família, fazer o que gosta e lutar por justiça, a vida Trifônio Guimarães foi um exemplo a ser admirado

Nascido em Santa Eudóxia, distrito de São Carlos no dia 5 de outubro de 1905, Trifônio Guimarães era filho de Antônio Fonseca Guimarães, português e Maria Leite da Fonseca. Trazido por um irmão que trabalhava na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Trifônio desembarcou em Araraquara com 15 anos de idade, mas a Paulista não contratava menores de 16 anos e o irmão o aconselhou a voltar para casa.

Ali, diante da primeira dificuldade, Trifônio deu mostras de seu caráter e personalidade. Decidiu

ficar, e foi sozinho pedir emprego na Estrada de Ferro Araraquara (EFA), que para sua surpresa não tinha qualquer objeção a sua idade e o contratou.

Corria o ano de 1921, e o rapaz acabou designado para o Departamento de Tráfego, onde começou como Praticante de Telegrafista. Competente e interessado, Trifônio se dedicou a nova função, chegando tempos depois a Chefe do Telégrafo central.

Inteligente e autodidata, o jovem tinha uma rara habilidade com as palavras, investiu no conhecimen-

to adquirindo livros e aperfeiçoou seu já rico português nas escolas da EFA. Morava, no período, em uma pensão que ficava nas proximidades na hoje Rua 13 de maio, com Avenida 22 de agosto, na Vila Xavier. Tempos depois, instalou-se em outra pensão, agora na Avenida 1, hoje Avenida Brasil, nas proximidades na Estação Ferroviária, local onde trabalhava.

Galgou todos os postos possíveis na companhia, até chegar a Chefe da Secretaria do Gabinete do Diretor Geral, maior posto que um funcionário de carreira conseguia

Reveillon de 1992. O último que passou com a família no tradicional sobrado branco



Família reunida no sobrado branco da Avenida Duque de Caxias



Catanduva, anos 40. Responsável pelo setor de desapropriações da EFA, Trifônio visitou inúmeras cidades entre Araraquara e a divisa do estado com o Mato Grosso.



Trifônio Guimarães em duas diferentes fases de sua vida. Como sargento, atuou nas frentes de Buri, Setor sul das operações militares durante o Movimento Revolucionário de 1932. E em imagem de meados dos anos 30, já homem de letras e profissional respeitado dos escritórios da EFA

atingir na EFA. Ficou na posição por 10 anos, respondendo a quatro diferentes diretores: Dr. Oswaldo Sant'Ana de Almeida; Dr. Jáder Lessa César; Dr. Orlando Drumond Múrgel e Dr. Abeylard Neto Amaranante.

Ainda antes disso, Trifônio foi o responsável pelo Departamento de Desapropriações da EFA, ficando a seu cargo a desapropriação de todas as áreas entre Taquaritinga e às divisas com o Mato Grosso, durante o processo de abertura dos novos trilhos que levaram a Estrada de Ferro Araraquara até os limites do

estado.

Em 24 de janeiro de 1955, aos 50 anos de idade, aposentou-se na EFA, ingressando no ano seguinte no Diário de São Paulo, de Assis Chateaubriand. Viajou o estado como Inspetor do jornal e permanecendo na função até agosto de 1973, quando, contra sua vontade acabou aposentado compulsoriamente.

### REVOLUCIONÁRIO

Convocado pelo Serviço Militar no ano de 1928, Trifônio foi licenciado da EFA e enviado para

o estado do Mato Grosso, onde foi incorporado ao 18º Batalhão de Caçadores, sediado em Campo Grande.

Permaneceu dois anos na ativa sendo licenciado já em 1930 como 3º sargento de 1ª Linha, depois de aprovado com honras em cursos ministrados na corporação.

Em 1932, com a eclosão da Revolução Constitucionalista, Trifônio solicitou licença junto a diretoria da EFA para apresentar-se como voluntário, embarcando na Estação e seguindo para os campos de batalha em 28 de julho.

Aquartelado em Quitauína, onde incorporou-se ao 9º Batalhão de Caçadores Reservistas (9º BCR), Trifônio assumiu o comando do 2º Pelotão da Companhia, seguindo para lutar nas frentes de Buri.

Já em setembro, depois de re-nhidas refregas nas divisas do estado (e muitas perdas), liderava uma patrulha às margens do Rio Paranapanema, na altura da Ligiana, quando seu grupo se viu envolvido pelas tropas da Milícia Pernambucana. Preso, foi enviado juntamente com seus companheiros para o Porto de Paranaguá, de onde seguiram embarcados para o Presídio Militar da Ilha das Flores. Liberado, retornou a Araraquara no início de novembro.

Sua passagem como combatente na Revolução de 32 não passou despercebida, consta do processo nº SPS - 33023/79, relativo a ex-combatentes do período, e é apontada ainda no livro "Um Paranaense nas trincheiras da Lei", publicado em 1934 e escrito pelo jornalista Elias Karan, também membro voluntário do 9º BCR paulista.

Como ex-combatente, Trifônio honrou seus amigos de batalha, colaborando como orador durante décadas em solenidades e eventos comemorativos a data Magna de São Paulo. Um dos mais marcantes, àquele que proferiu no ano de 1982, na Câmara Municipal, durante evento realizado pelos 50 anos da Revolução.

## **O DOMÍNIO DAS LETRAS ABRIU PORTAS**

Exímio conhecedor da língua portuguesa, Trifônio praticou sua maior paixão, escrever, por décadas, passando a ser conhecido por seus contemporâneos como o Poeta de Araraquara.

Compadre e companheiro de le-

tras de Pio Lourenço Corrêa - padrinho de seu terceiro filho, Norberto -, Trifônio passava com a família muitos finais de semana na Chácara Sapucaia, onde se falava de tudo, desde política até o dialeto Tupi. As crianças adoravam os finais de semana na Chácara do "Tio Pio".

Chico Parisi e o maestro Tes-cari também foram grandes amigos. Chico era representante para Araraquara e região oeste do estado do jornal Diário de São Paulo (para onde levou Trifônio depois de sua aposentadoria na EFA), já o segundo, professor de piano de suas filhas, musicou a letra criada por ele para aquele que poderia ter sido o primeiro hino da história da Ferroviária (o concurso criado na época não chegou ao fim).

E foi o respeito e bom nome adquirido pelo jovem por sua habilidade com as palavras que abriram as portas da casa, e o coração da moça que veio a ser sua esposa, Olívia Catanzaro (depois, Guimarães).

E tudo aconteceu em uma tarde do já distante ano de 1934, quando Trifônio subia a Rua Gonçalves Dias em direção ao escritório central da EFA, que na ficava na esquina da Avenida Espanha. Foi no caminho que ele encontrou a linda moça. Os olhares se cruzaram. Filha do Italiano Vincenzo Catanzaro, um dos fundadores do Circolo Italiano da cidade, Olívia era uma moça de difícil acesso.

Horas depois, no footing (acontecera na Rua São Bento (3), entre as Avenidas Espanha e Brasil. Os homens ficavam encostados nas paredes e as moças subiam e desciam, passeando pelas calçadas, olhando, sorrindo. Era a "paquera" do período), Trifônio e Olívia voltaram a se ver. Nasceu o interesse entre os dois.

Interessado, o jovem falou sobre o a moça nos escritórios da EFA, e pouco tempo depois, em uma "festa de gente importante" (segundo suas próprias palavras) acontecida no Teatro Municipal (localizado onde hoje está o Paço Municipal), alguém falou bem dele para Vincenzo. Um ano depois, em 1935, Trifônio e Olívia estavam casados.

## **OS SILVA E REALIZAÇÕES**

Em sua longa trajetória com as letras Trifônio fez grandes amigos, escreveu dezenas de artigos, contos e poemas, quase todos publicados em jornais da cidade entre os anos de 1926 e 1993. Foram quase 70 anos colaborando na imprensa local. Amigo pessoal dos jornalistas Antônio Corrêa da Silva - diretor do O Popular e fundador do O Imparcial -, e de seu filho, Paulo A. C. Silva, sua obra pode ser encontrada quase toda nos jornais da família.

Parte de seus poemas foram publicados no livro Multiplicando, editado nos anos 70, que trazia uma coletânea de poesias de reconhecidos escritores brasileiros. Um deles, "Hora azul e Hora negra" foi declamado pelo ator Walmor Chagas no Teatro Municipal de São Paulo.

O poeta e ferroviário também é citado em algumas obras do escritor Ignácio de Loyola Brandão.

Membro fundador da Associação Ferroviária de Esportes (AFE) e do Hospital Gota de leite, integrando suas primeiras diretorias Trifônio também deixou respeitável legado de cunho social.

O poeta nos deixou na manhã de 5 de janeiro de 1994, uma segunda-feira. Deixou a esposa Olívia (falecida em 2011), os filhos Sérgio, Antônio, Norberto (falecido), Regina, Tânia, netos, bisnetos e uma obra exemplar.



**CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA**  
**COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO**

PARECER Nº 429 /17.

Através do presente requerimento nº 1000/17, pretende o Vereador RAFAEL DE ANGELI, que fique constando nos anais desta Casa de Leis a matéria publicada na revista "*Cidade Araraquara e Região*", em sua edição de 2017/nº21/ano III, matéria publicada da página 16 a 18, sob o Título "**Homens de letras, poetas, ferroviário e revolucionário**".

A matéria se enquadra no disposto pelo Artigo 211-A, do Regimento Interno desta Casa de Leis.

Somos favoráveis à inserção requerida.

É o parecer, s.m.j.

Sala de reuniões das comissões, 31 OUT 2017

\_\_\_\_\_  
**José Carlos Porsani**

Presidente e Relator

\_\_\_\_\_  
**Thainara Faria**

\_\_\_\_\_  
**Cabo Magal Verri**